2. MESA-REDONDA

O espaço do homossexualismo na psicologia contemporânea

Presidente:
MONIQUE ROSE AIMÉE AUGRAS

Membros:
ARAGUARI CHALAR DA SILVA
JOÃO ALBERTO LEGEY VIZEU
LEILA DUPRET MACHADO

Monique Augras – O que esta mesa propõe examinar é o enfoque atual dado pela psicologia ao problema do homossexualismo. Vemos proliferar movimentos *gay*. Muitas pesquisas estão sendo realizadas em torno desse tema, mas, na sua esmagadora maioria, são trabalhos feitos por sociólogos. Na psicologia contemporânea, será que se chega a um consenso, a respeito desse assunto?

Na psicologia clínica clássica, temos o enfoque patológico. Homossexualismo faz parte das perversões. Na teoria freudiana, perverso é o indivíduo que realiza aquilo que o normal apenas imagina sob forma de fantasia, ao passo que o neurótico é aquele que se proíbe até de imaginar. Não se trata, portanto, de classificação condenatória, mas em todo caso a perversão é situada fora dos limites da normalidade. Na perspectiva freudiana, o homossexualismo constitui etapa necessária do desenvolvimento da libido. Anormal é a fixação nessa etapa, fixação essa que, para Freud, não tem remédio, como deixou bem claro em sua célebre "Carta a uma mãe americana". Declara que pode, mediante análise, suavizar os sofrimentos do rapaz, adaptá-lo melhor ao ambiente, mas curá-lo, jamais.

Cura, remédio, fixação, perversão: o discurso freudiano ortodoxo fala do homossexualismo em termos de patologia. Estudos realizados por psicanalistas atêm-se a procurar a etiologia, apontar os fatores desencadeantes, como por exemplo o belo trabalho de Clara Thompson.

Há, contudo, outros autores, no campo da psicologia clínica, que não aceitam, *a priori*, a avaliação patologizante. Minkowski, passando em revista diversos enfoques no seu livro *Psicologia geral*, de 1966, conclui, dentro da perspectiva da fenomenologia de base existencial, que o homossexualismo é um dos aspectos do drama que se tece entre o Amor e o Mundo.

As tensões, as crises, as ambigüidades que se verificam na relação homossexual estão também presentes no âmago da relação heterossexual. Talvez não apareçam de modo tão nítido, por serem submetidos a menos pressões externas, mas a essência do drama permanece a mesma.

Essa posição é bem simpática, mas ainda padece de um vício, que permeia todo o discurso da psicologia clínica: fala-se *sobre* o homossexualismo, colocando-se do lado de fora. Os autores costumam-se distanciar do assunto, e, com benevolência, outorgam (ou não) ao homossexual o direito de assumir-se como tal. Esse problema, aliás, não se limita a este assunto específico.

Parece-me que é uma característica do discurso do psicólogo. Ele entende de tudo, e fala soberanamente sobre qualquer assunto. Minha proposta, no caso, seria: "deixar falar". Antes de deliberarmos *a priori* se homossexualismo deveria ser considerado como patológico, ou não, tenhamos humildade e prestemos atenção àquilo que as pessoas que vivem essa realidade têm a dizer.

Uma das poucas tentativas, levadas a efeito por uma psicóloga, nos anos 50, para "despatologizar" (se me permitirem) a abordagem do homossexualismo, provocou muita celeuma. Partindo da observação de que o psicólogo clínico só conhece o homossexual desajustado, que o procura no consultório, Evelyn Hooker montou um experimento para verificar se haveria diferenças entre homossexuais que não se julgavam doentes, e heterossexuais. Procurou uma associação cultural que congregava homossexuais masculinos de bom nível sócio-econômico, selecionou a amostra, e montou outra amostra com as mesmas características de idade, nível, etc., de homens heterossexuais. Aplicou a ambos os grupos testes como Rorschach e TAT, e pediu a ilustres especialistas que fizessem o diagnóstico cego, classificando os protocolos nas categorias de ajustado/desajustado, e homossexual/heterossexual. Os juízes simplesmente não conseguiram discriminar os grupos. Hooker concluiu que já estava em tempo de rever os pressupostos em relação ao homossexualismo.

O mais interessante, contudo, foi a reação dos demais psicólogos. Em vez de revisar suas posições, acharam mais conveniente criticar a metodologia utilizada. Só para citar um comentário, Cronbach, no seu livro clássico *Esentials of psychological testing*, cita a pesquisa de Hooker como exemplo do fato que o Rorschach não serve para fazer diagnósticos confiáveis. Não entrou no mérito da questão, mas sim partiu para o aspecto psicométrico, que como sempre era fácil de criticar. O problema verdadeiro foi escamoteado.

Nos contemporâneos, repito, não encontramos grande coisa a não ser na área puramente social. Há um livro relativamente recente de Master e Johnson, *Homossexualidade em perspectiva*, no qual os autores tratam de casos clínicos de desajustes sexuais em homossexuais. Assumem a posição de que todo mundo tem direito de viver a sua sexualidade como quer. Fazem tratamento em homossexuais com desajuste para eles viverem melhor o seu homossexualismo. Essa é uma visão muito revolucionária, em relação àquilo que se costuma encontrar, mas de qualquer maneira são médicos, eles não são psicólogos.

Obviamente, se a sociedade global é ambígua a respeito do assunto, nós também como parte dela teremos nossas ambigüidades; então quero perguntar a todos como é que fica. Vamos encarar de frente esse problema, ou seja, vamos nos posicionar de maneira não-ambígua?

Se consideramos o homossexualismo como doença, tudo bem, então vamos fazer trabalhos nessa linha e vamos assumir isso. Se consideramos que não tem nada a ver, e que cada um vive sua sexualidade como entende e que inclusive é um absurdo categorizar as pessoas somente sob esse ângulo, então tudo bem. Se achamos que as perturbações muitas vezes encontradas na observação, do lado de fora, em pessoas homossexuais são mais devidas às pressões sociais, então vamos fazer com que nós denunciemos essas pressões sociais. O que quero colocar aqui é minha perplexidade perante a falta quase total de uma posição doutrinária, de uma atitude coerente. Isso me parece coisa séria que, aliás, não acontece, diga-se de passagem, somente em relação ao homossexualismo. A psicologia pretende abarcar quase que a totalidade do viver, do existir, do sentimento, emoções, cognições e muitas vezes, naquilo que é mais dramático, nós ficamos ao largo, olhamos de longe. A minha pergunta seria exatamente essa; será que na psicologia contemporânea, há um espaço para o homossexualismo?

Convidei alguns colegas e amigos para examinarmos juntos o problema. Entre os amigos incluo todo o plenário. Chamei o Prof. Araguari, que é um dos psicólogos que está mais entrosado na área de sexologia, e o João Alberto que é um psicólogo clínico, Leila é aqui representante de uma equipe do mestrado em psicologia da Fundação Getulio Vargas, que está tentando levar adiante uma pesquisa, na área, visando a ouvir o que as pessoas homossexuais têm a dizer de si e do seu mundo, e ver então como é que se colocam. Com a palavra o sexólogo Araguari.

Araguari Chalar da Silva – Antes de mais nada psicossexólogo em termos, na verdade, ninguém nesta terra deveria honestamente se intitular sexólogo, já que não existe nenhuma formação até o momento tão específica assim, no final das contas eu sou um psicólogo clínico como outro qualquer só que por contingência fui me interessando cada vez mais pelo tema sexual e acabei fazendo alguns trabalhos, pertencendo a algumas sociedades e sendo considerado sexólogo. Nosso tema é o espaço do homossexual dentro do contexto da psicologia – acho muito difícil desvincular a realidade do psicólogo, a posição do psicólogo que pratica clínica escolar, seja lá o que for. É um problema que, antes de tudo, é social, uma postura da sociedade; e a psicologia, a bem da verdade, tem feito ao longo dos anos um discurso bastante moralista. A gente tem muito mais comumente moralizado em torno do tema sexual do que propriamente se interessado por um aprofundamento do tema, e isso parece um absurdo porque, afinal de contas, em área nenhuma se fala tanto de sexo. O tema sexual, isto é, o nome sexo é tão trazido, é tão tratado, tão elaborado quanto dentro das teorias psicológicas, mas, de modo geral, o discurso que se faz lida com a motivação sexual, o impulso sexual, que dirigido para um lado ou para outro que não sexo provoca diversas patologias. Mas a primeira pergunta seria: quando o tal impulso sexual é dirigido para o sexo? O que é que nós fazemos? Quando não é desviado para coisa nenhuma, quando ele realmente chega ao seu destino, aí a gente começa a encontrar dentro da própria teorização psicológica lacunas enormes – por exemplo: as crianças de Piaget são crianças assexuadas. Em que momento, em que instante uma criança descobre o pênis? Descobre tatilmente. Em que momento da vida ela tem coordenação motora suficiente para masturbação? Quando a experiência de masturbação realmente se instala com as características da masturbação adulta? Qual é a diferença entre a masturbação de um garoto pré-púbere e a masturbação de um garoto pós-púbere, ou seja, pré-ejaculatória? Qual é a freqüência de orgasmo que uma criança consegue? Como consegue? Como regula? Em suma, a auto-regulação do comportamento sexual, como é feita? Na verdade não se sabe; estamos acostumados a raciocinar com o tema sexual ou com o impulso sexual desviado, mas não com o impulso sexual realizado. A tentativa de estabelecer isso, quer dizer, estabelecer as condutas reais da população, foi feita por Kinsey, com um levantamento puramente estatístico, que nunca mais foi repetido na mesma magnitude.

Onde não há integração, quer dizer, onde o tema sexual não é integrado, acabamos tendo contestação; então a população *gay* é obrigada a abrir um espaço especial porque não tem um espaço comum. Quando se fala da integração do homossexual temos um tipo de concepção sexual, como a Monique disse, por excelência judaica, cristã e moralista. Tendemos a raciocinar com a sexualidade humana como dividida em pólos opostos, de um lado homem, do outro mulher, de um lado homossexual, do outro hetero. Nesse sentido a psicanálise realmente representou uma sacudida de nervos ao tentar indicar que nem o homossexual é tão definido como homossexual, nem o hetero tão definido como hetero; os dois são compostos de impulsos.

Mas, na prática, isso seria relativamente fácil indicar numa escala definida, dependendo apenas de onde os limites possam ser colocados, o tipo de padrão sexual de qualquer pessoa, de

qualquer ser humano que já tenha tido sexualidade, que já tenha tido uma manifestação sexual; em suma, de acordo com a escala que nós resolvemos situar.

Mas homossexualismo é a prática ou é a fantasia? O desejo homossexual já caracteriza uma tendência ou é preciso consumar? Afinal de contas, por que estou dizendo isso? É comum às vezes as pessoas que assistem a uma cirurgia sentirem a dor na própria barriga, na hora do corte, da incisão. Essa projeção da realidade como algo imaginado, como algo para dentro, é característica do ser humano. A partir do momento em que vimos um homossexual, a partir do momento em que soubemos, da mesma forma que sentimos a dor na hora do corte, antecipamos a reação em nós mesmos, e só antecipando a reação em si próprio alguém consegue dizer se concorda ou não. Quer dizer, de certa forma, dependendo da sensibilidade da escala que nós usamos, vamos encontrar em todos nós um impulso homo-hetero, só que nós vivemos numa sociedade moralista que necessita de limites; nossa cabeça não exige limites precisos, exige definições exatas como a que Monique deu. Não sei se poderia me definir de uma maneira tão rígida; depende de qual seja o meu critério, como depende de qual seja o critério de qualquer um.

No final das contas, o raciocínio sobre homossexualismo tem sido muito farto de uma espécie de medicalização do sexo. É preciso fazer um discurso científico, em torno do sexo ou da prática sexual. É em torno desse discurso que vamos definir o que é doença e o que não é, vamos ter que traçar o limite, determinar a norma; a partir do momento que criamos a norma geramos o anormal. Só existiu o analfabeto, quando a gente estabeleceu que a alfabetização é um critério necessário. Só existiu o homossexual a partir do momento que estabelecemos o que o sexo deve ser. Até que ponto poderíamos considerar homossexualismo manifestação doentia ou não? Um dos argumentos básicos que essa suposição encerra é uma idéia de que o destino natural do impulso sexual é a heterossexualidade, que o destino natural do impulso sexual do homem é a mulher e que o destino natural de uma mulher é um homem, e que em toda natureza sexuada, isso é assim; só que isso não é verdade. Vamos tomar uma pequena escala biológica, generalização aí é um pouco dicícil, mas depois ponho a crítica, se tentarmos uma linha evolutiva.

Os nossos parentes mais próximos, os primatas superiores, têm um desenvolvimento sexual que talvez na natureza seja o mais próximo do nosso.

Em praticamente todas as espécies, os jogos homossexuais são absolutamente normais e não precisariam dessa classificação. Macaquinhos brincam com macaquinhos, macaquinhos pegam "pipiu" de macaquinhos, macaquinhos enfiam o dedo nas macaquinhas. Para os nossos critérios, isto seria um comportamento homossexual correto. Nesse sentido, o desenvolvimento sexual normal desses animais envolve, ao menos, um período de jogos homossexuais. Isso também é comum na espécie humana, as brincadeiras de médico, papai e mamãe, dificilmente se limitaram a meninos e meninas.

Durante um certo tempo tendem a ser brincadeiras indiscriminadas; então nós podemos dizer que o desenvolvimento heterossexual comporta uma fase potencialmente homossexual, que em determinada cultura se realiza mais e em outras menos, dependendo da repressão, da vigilância.

Na natureza, o homossexualismo existe, só que ninguém pensa em perguntar se o animal tem tendências homossexuais ou não e, na verdade, como eu tinha dito antes, não dá muito para comparar a sexualidade humana com qualquer nível de sexualidade animal, porque por uma dessas coisas da natureza nós ganhamos um presentinho que os animais não ganharam, que apareceu exclusivamente para o ser humano. De repente conseguimos com toda tecnologia, com todo avanço biológico inclusive, ter uma sexualidade muito mais desenvolvida do que até então se tinha notícia. O homem é o único animal sexualmente perene, ele têm capacidade sexual

durante todo o período; a primeira fêmea verdadeiramente anestra é a mulher; o chimpanzé consegue ter relação fora do cio, mas como coisa excepcional, não como regra. Sexualidade constante apareceu no ser humano; é a evidência de clímax de prazer. Bem que são coisas subjetivas muito difíceis de avaliar. É quase impossível de se estabelecer em relação a outros animais, outros níveis da escala. De repente, o avanço tecnológico conseguiu eliminar, pela primeira vez na natureza, as conseqüências do sexo. Para nós, sexo não é mais reprodução, inventaram-se anticoncepcionais, abortos, em suma, aprendemos todos a manipular as conseqüências do sexo. Distilamos do sexo uma relação de puro prazer, o que muda muito as coisas. Por quê? Se vamos entender o desenvolvimento sexual como uma capacidade de relação de prazer com o próprio corpo, já vai começar a ficar cada vez mais difícil estabelecer por que o prazer no dedinho pode e no pezinho não pode. Por que só pode o prazer com a Joaninha e não com o Zezinho, ou a Joaninha pode com o Mariozinho e não com a Maricota. Realmente, de repente nós vamos espaçar do discurso e voltar a uma moralização hedonista, apelando basicamente para uma concepção de natureza, da qual fazemos questão de nos livrar. Quando usamos todos os preservativos e todas as "parafernálias" que foram inventadas com o objetivo de dar prazer, não somos animais naturais, e cada vez somos menos naturais, vinculados ou escravos de uma dependência biológica.

Talvez a maior aquisição que o ser humano tenha ganho em termos de sexualidade foi a independência, a capacidade de manipular a própria sexualidade. Essa capacidade acabou se expressando nas várias culturas: todas sociedades admitem com mais liberdade o homossexualismo, relativamente poucas de forma livre. A nossa sociedade foi uma dessas poucas, porque descendemos culturalmente da Grécia, talvez uma das maiores civilizações bissexuais de que se tenha notícia, onde a prática homossexual evidentemente é também sujeita a determinadas regras, mas foi abertamente aceita. Em termos de posicionamento, se vamos considerar o homossexualismo doença ou não, honestamente não sei, eu tenho uma opinião pessoal, acho difícil pontificar em torno do assunto. A Monique falava também que há uma certa carência de testes; há, em conseqüência da própria carência de teorias. Alguns trabalhos importantes têm sido feitos a partir de 78.

Uma pesquisadora tentou publicar uma série de medidas, de testes objetivos, não partindo para a forma de testes projetivos, mas das derivações da escala MF do MMPI, elaboradas e melhoradas, e tentou estabelecer uma bateria fatorial; escalas de identidade sexual. Do seu trabalho nasceram algumas conclusões. O sujeito é homem ou é mulher. Ela partiu da idéia que isso não podia ser bem assim porque os traços que apareciam como caracteristicamente masculinos ou caracteristicamente femininos não eram dimensões opostas das mesmas medidas. Vamos ver que quando se envolve uma concepção de arte, de afeto, um relacionamento mais desarmado com o ser humano, a profissão é dada como feminina, obviamente que nós vamos acrescentar outras coisas aí, como nível de remuneração. Quando a profissão se torna instrumental ela é mais masculina. Isso definia o homem ou ser masculino como mais agressivo, vinculado ao objetivo e não ao afeto. É muito fácil identificar, em mulheres executivas, alguns conflitos sexuais que se estabelecem: ficar depois do expediente, trabalhar sexta-feira, fazer plantão no sábado. É muito fácil convencer um homem a fazer isso, é muito difícil convencer uma mulher. Como a Monique considerou, não é o tipo de sexualidade que praticamos, mas o que se acha que nós fazemos. Assim, é preciso ser grosseiro, não demonstrar afetividade, ser vinculado ao trabalho – um vencedor – para ser masculino. Fora disso, poder-se-á ter uma aparência homossexual, o que poderá prejudicar bastante.

Monique Augras – Bem, só queria acrescentar com relação ao que o Araguari falou, quando criticou a minha posição, que aceito-a plenamente. Realmente, até hoje eu sou um 0 na escala 15, mas ainda estou no meio da vida. Agora, uma coisa que queria acrescentar, que me lembrei ao ouvir você, é que nesse estudo, Master e Johnson, de modo brilhante, fizeram um levantamento das fantasias que as pessoas têm durante o ato sexual, e encontraram um número enorme de fantasias homossexuais durante o ato sexual de pessoas heterossexuais, e um igual número de fantasias heterossexuais em homossexuais em relacionamentos sexuais.

João Alberto Legey Vizeu – O tema do Encontro fala do espaço do homossexualismo na psicologia contemporânea. Pensei, falo do espaço, ou falo do homossexualismo. Preferi ficar preso à questão do espaço do homossexualismo na psicologia contemporânea e falar para vocês das perguntas que eu me faço e não sei se são afirmativas, mas são perguntas. Acho que não podemos entender nem o homem nem a ciência do homem, seja qual for essa ciência, exata ou não-exata, descontextuada de um sistema maior, onde existe esse homem, onde existe a ciência que esse homem faz. Ora, somos animais, mas o que nos diferencia dos demais é a condição de sermos um animal simbólico, um animal cultural, logo, tudo não pode ser entendido puramente a partir de uma questão que pretenda ser biológica, ou biopsicológica. Parece-me que inevitavelmente nós vamos ter que caminhar por um caminho antropológico, sociológico, um caminho que é de ciência política.

Considero que inevitavelmente não é por acaso que no espaço da psicologia há pouco espaço para a questão da homossexualidade, ou melhor, quando há esse espaço, via de regra é um espaço que permite um discurso que fala da homossexualidade como obrigatoriamente alguma coisa doente, como alguma coisa anômala. Esse tipo de discurso, parece-me que para ele há espaço, mas um discurso onde a possibilidade da homossexualidade é vista por outro ângulo, parece-me que aí realmente o espaço falta. Falta espaço na psicologia não só para o homossexualismo, falta para tudo que diz respeito àquilo que o sistema em que vivemos interdita, proíbe. Nós caímos na ordem na ideologia repressora de verdades. Na análise descobri que havia mil aspectos em mim que eu não podia deixar falar, não podia deixar de falar para mim próprio, porque eu havia interiorizado todo um sistema que não deixa falar uma série de aspectos.

Uma cultura repressora da sexualidade parece-me que não é uma cultura repressora apenas da homossexualidade. Podemos perguntar se existe alguma cultura que não seja repressora da sexualidade? Dentro de um enfoque psicanalítico parece que não existe, quer dizer, o homem pode deixar de ser o animal como outro animal, porque na medida em que ele pode criar cultura, a cultura é uma maneira de ele se interditar. Então inevitavelmente haverá repressão, mas há repressão e repressões, há repressões que são estruturantes, há repressões que são desestruturantes. Acho que estou falando de um sistema ideológico, de uma cultura que tem uma natureza de repressão não-estruturante mas uma repressão desestruturante, algo não pode falar e algo existe. Qual o rumo dessa energia, desse algo que fica impedido de falar, em termos de equilíbrio do sistema, que têm que ter os grupos minoritários, que têm que ter os grupos depositários? Falou-se da nossa origem grega. Pensei muito nas idéias aristotélicas onde as coisas são *A* ou são *B*. Nossa formação de pensar é muito aristotélica. Nesse sentido acho que herdamos alguma coisa nociva do grego, no sentido de não conseguirmos pensar que sou homo ou sou hetero, não sou preto, mas eu sou preto, sou aluno, mas não sou aluno, sou professor, mas não sou professor e sou aluno – sou terapeuta. Parece-me que o difícil é suportarmos a ambigüidade, suportar a existência das diferenças em algumas coisas.

Voltando à questão de sistema, parece que o sistema precisa ter os grupos que vão ser os depositários, que vão ser os representantes daquilo que é de todos, mas que têm que ficar no seu

lugar para que haja equilíbrio social. Que equilíbrio é esse em que um grupo agüenta uma carta que é de todos? Parece-me que é um pseudoequilíbrio, porque é um equilíbrio graças ao desequilíbrio dos grupos minoritários.

O sistema ideológico cultural reprime o corpo, reprime a sexualidade. Isto vai aparecer dentro de casa, nas escolas, na ciência, dentro do consultório. Lembro-me que uma vez perguntei a um paciente, numa primeira entrevista, por coisas que ele estava me dizendo, se ele era homossexual. Eu queria dizer naquele momento: você tem uma prática homossexual? Ele olhou para mim e disse: "eu não entendo bem a sua pergunta. Se eu sou homossexual? Não, eu sou uma pessoa." Isso me fez pensar muito, eu pergunto se ele é homossexual e ele me diz que é uma pessoa, e depois trabalhando com ele, eu pude entender, ele queria me dizer que ele era homo, ele era hetero, que o desejo dele num dado momento se voltava para um objeto igual, e que num outro se voltava para um objeto diferente.

Freud diz textualmente que para você estruturar uma heterossexualidade, você precisa da homossexualidade. Um menino na relação de intercâmbio afetivo sexual com o pai, uma menina na relação de intercâmbio afetivo sexual com a mãe estão investindo a libido em um objeto igual. E esse jogo homossexual é muito importante para que o menino se torne um homem, para que estruture sua masculinidade. E para que a menina se torne uma mulher, estruture sua feminilidade, ela precisa ser caso da mãe. Mas a cultura repressora, machista não vai facilitar para que esse pai estruture a heterossexualidade de seu filho, porque esse pai, em geral o machão, tem a homossexualidade reprimida de uma maneira que me parece doentia. Doentia no sentido que estou usando, no sentido de que há uma dimensão dele que ele deixa de usar no processo de crescimento e formação dele como pessoa. Por que eu não posso me aproveitar da minha sexualidade, homo e hetero, no meu processo de desenvolvimento? Considero isso um aspecto doentio, porque impede o crescimento, e impede também um processo mais criador da pessoa.

Repara se o sistema ideológico, se a cultura reprime a sexualidade, reprime o homo que há em cada um. Esta sociedade não vai facilitar que esse pai "transe" com a homossexualidade dele, para que ele com serenidade "transe" com o filho homem igual a ele: então ele vai dificultar a formação de um filho homem. Ele vai formar possivelmente um filho machão ou uma bicha, mas não há muita diferença entre machão e bicha, parece-me que em termos de estrutura de personalidade, apenas seriam faces diferentes de uma coisa que é muito parecida. Porque repara o machão como eu compreendo é aquela pessoa que não conseguiu ser masculino, ele precisa frisar o masculino, ele precisa grifar o masculino, porque realmente o masculino não está bem estruturado nele.

Parece-me que para você ser homem tem que saber ser mulher e tem que saber ser homem. Para você ser um pai, que ajude seu filho a ser homem, você tem que poder namorá-lo. Agora, se sou um pai machão, a hora que meu filho vier me tocar, me acariciar, vou dizer: "que é isso?" Com isto não estou ajudando meu filho a se tornar um homem, posso estar ajudando-o a ser um machão ou uma "bicha". Acho que tanto a "bicha" é uma caricatura, quanto o machão também é. Aquilo que na nossa cultura é considerado feminino, parece-me que não é bem um feminino. O feminino é a caricatura da feminilidade, mas será que é isso? Aquela mulher que assume a sua agressividade, assume a sua objetividade, é viril. Então o comentário não é do leigo só, é do profissional. A fulana é meio "sapatão" por que "sapatão"? Porque ela toma decisão; Acho que existem muito poucos heterossexuais. Como Araguari falou tenho oportunidade de observar na minha experiência de consultório, de convívio, que há muitas pessoas que escolheram uma relação heterossexual, mas é heterossexual na fachada, porque é um homem e uma mulher que estão aliados. Se eu tomar o referencial anatômico, ela é heterossexual, mas se eu

tomar um outro tipo de referencial, vou perceber que, às vezes, aquele homem e aquela mulher estão tendo uma relação muito mais homossexual do que aqueles dois homens ou aquelas duas mulheres. Homo em que sentido? Homo é igual, quer dizer, uma relação onde a diferença não tem espaço; acho que uma relação é homossexual quando um homem não consegue "transar" com a diferença, que é a mulher, e a mulher não consegue "transar" com a diferença que é para ela o homem. Parece-me que, realmente, quando um tenta fazer do outro a sua imagem, a sua cópia, isto é uma relação homossexual; mas é claro que nenhuma sociedade psicanalítica vai impedir que nenhum indivíduo seja psicanalista se ele tem um tipo de relação homossexual, mas disfarçada numa relação heterossexual. Agora, se o indivíduo tem declaradamente uma relação homossexual, é claro que a sociedade não vai recebê-lo.

Leila Machado – Conforme já foi dito, estou representando um grupo de alunos de mestrado da Fundação Getulio Vargas, que está fazendo a área de desenvolvimento e personalidade, e gostaria de esclarecer que é um grupo pequeno de alunos, apenas oito, que estão voltados para esse tipo de trabalho. O interesse pela nossa pesquisa surgiu a partir de um debate que a gente fez, sobre temas de grande alcance, e dentre eles, a sexualidade. Como o tema se apresentasse muito amplo, nós o restringimos à homossexualidade feminina, partindo de uma discussão sobre a marginalização e o preconceito que existe em relação a esse grupo, e além disso, ao enquadramento ou não desses homossexuais aos modelos de comportamento estabelecidos pela sociedade. A partir desse estudo, decidimos enveredar para o conhecimento do mundo da homossexual sem nenhum modelo teórico previamente estabelecido. Tornou-se nosso objetivo apenas conhecer esse mundo da homossexual. Fizemos isso de que maneira? Só poderíamos alcançar isso se permitíssemos que as homossexuais falassem. Então partimos para um levantamento de opiniões onde valoramos e enfatizamos apenas a manifestação livre e espontânea da fala da homossexual.

Ao se permitir que ela desvendasse sua realidade de vida, tentamos minimizar alguns problemas encontrados em diversos estudos desse nosso dossiê. Esses problemas relato da seguinte forma: primeiro, em termos da escassez de material, que vai estar dividido em três aspectos: em relação à pesquisa, ao referencial teórico e ao próprio material humano. Assim, em várias pesquisas, logo de início, deparamo-nos com o preconceito do próprio pesquisador, que vai em busca de resultados que ele já preestabeleceu, a partir de modelos teóricos que possui. Em contrapartida, nós não estamos utilizando nenhum modelo teórico. O segundo aspecto é justamente o não permitir que a homossexual se manifeste em termos da palavra: então temos entrevistas dirigidas, questionários padronizados. Nós apenas enfatizamos a fala espontânea e livre das homossexuais.

Um outro dado é a utilização dos resultados recolhidos das pesquisas, o que mostra justamente o caráter utilitário que se faz de algumas informações que se obtém; em contrapartida, estamos com esses dados apenas tentando oferecer informações para pesquisas futuras. Quanto ao referencial teórico, a variedade de definições distintas nos leva a uma diversificação de posicionamento, o que acarreta afirmações que nos foram pouco convincentes. Além disso, pelo nosso lado, não estamos usando nenhuma definição de homossexualismo; a gente está apenas voltado para o que elas estão expressando no momento em que entram em contato conosco. Quanto ao material humano, a gente encontra algumas dificuldades. A primeira é porque trata-se de um grupo restrito e minoritário e, conseqüentemente, não existe muita aceitação de pessoas em participarem ou de entrarem em contato com as homossexuais. Isso dificulta as

informações que a gente pode obter. Agora isso também é uma característica de grupo minoritário. Uma outra coisa, sobre o material humano, significa o seguinte: a nível profissional também a homossexual é completamente marginalizada e justamente para não haver esse comprometimento como profissional, ela também corta algumas informações. Existe ainda um outro detalhe que diria respeito mais ao profissional que parte para pesquisar em qualquer âmbito minoritário, seja homossexual, prostituta, índio, negro. Existe um comprometimento pessoal imediato. Não são vistos com bons olhos aqueles que se dedicam à permissividade da palavra ou da manifestação, ou até do espaço desses grupos minoritários. Apesar de tudo isso, de todos esses empecilhos a gente foi a campo e no primeiro contato com as homossexuais solicitávamos que elas mesmas nos propusessem questões sobre assuntos de seu interesse. Portanto, não era mais eu, como psicóloga, chegando com uma entrevista, com um questionário, perguntando a elas, era justamente o contrário, eram elas dizendo o que gostariam que fosse perguntado a homossexuais ou que fosse estudado por nós. Esse levantamento justamente nos fez seguir um roteiro ditado por elas mesmas e nos forneceu a escolha do nosso objetivo, enquanto pesquisa. Depois de termos todo o material a nível dos depoimentos, aglutinamos os seguintes: o homossexual e a necessidade de afeto, a sexualidade e a repressão familiar, o homossexualismo e a repressão social, a segregação e a promiscuidade ambiental, o preestabelecimento de papéis na relação afetiva, a etiologia da homossexualidade, a negação afetiva à figura do homem e autonomia pessoal na escolha da figura feminina.

Depois de apreciarmos todo esse material deparamo-nos com duas colocações – por um lado, o amor e o carinho, por outro lado a pressão social. Em relação ao amor e ao carinho, de todas as pesquisas com que entramos em contato, a de Rediblom, de 1973, enfocava aspectos semelhantes aos que tentávamos estudar. Em termos de carinho, em termos do sentimento, em termos do amor, em termos da pressão social, todas as informações que nos foram dadas e que coletamos nos proporcionaram uma observação global. A nível do social verificamos que este social estaria ditando padrões corretos de funcionamento sexual, e com isso impedindo a própria manifestação no amor. Em função disso, um outro texto nos auxiliou, o de Pelegrino, onde ele consegue colocar uma união entre o desejo expresso pelo homossexual, que nós obtivemos a partir do nosso levantamento de opiniões, e o dado social. Essa equação a que recorremos, apesar de ter vindo de Pelegrino, não nos fez de forma nenhuma seguir, mais uma vez, nenhum referencial ou modelo teórico estabelecido. Assim, utilizamos essa equação, mas o grupo definiu os termos dessa equação a partir de um estudo em cima da própria equação. Essa utilização da equação também foi verificada que não serviria apenas para o homossexualismo, mas que ela poderia abranger a sexualidade de uma forma geral. E ela estaria composta de desejo, lei e amor, e preconizava que o desejo, em conformidade com a lei, seria igual ao amor, ou estaria acarretando a manifestação do amor. O grupo então entendeu desejo como uma energia básica que deflagra a procura do prazer sem estar diretamente ligado a nenhum objeto de sua realização. Essa lei seriam as normas, os preceitos, os princípios regulados pela própria sociedade, pressupondo um juízo de valor. O amor seria uma relação afetiva onde o eu e o outro apresentariam-se separadamente em termos de suas semelhanças e diferenças. O estudo dessa equação que acabei de definir, nos fez supor uma interferência da identidade social na escolha do parceiro sexual. Estou colocando isso a nível geral, em termos de sexualidade. Em função dessa nossa observação, não nos propusemos, a nível de futuro, a fazer uma pesquisa para verificar essa interferência da identidade social em termos de uma escolha de parceiro sexual de mesmo sexo. Obviamente foi uma escolha nossa; outros temas, outras propostas poderão surgir e obviamente serão absorvidas pelo centro de pesquisas que está-se iniciando agora no ISOP, do qual estamos fazendo parte.

Monique Augras – Muito me parece que o que foi colocado aqui, foi em primeiro lugar uma chamada, repensar o problema e também tentar agitar bastante uma série de coisas que geralmente são implícitas, mas poucas vezes são ditas. Gostaríamos muito em contrapartida de ouvir os presentes. O plenário com a palavra.

Ana Lúcia Francisco (aparte) – Não sei se é uma meia-pergunta ou uma meia-reflexão. Acho que cada pessoa "transa" com quem bem entende. Tanto um homem como uma mulher podem escolher um parceiro do mesmo sexo. Isso não levará, assim acho, a uma perversão no sentido freudiano.

Porém eu me pergunto se não constituiria perversão, no sentido de não ser aceitação da sua identidade sexual, o fato de um homem ou uma mulher necessitarem trajar-se e assumirem atitudes sociais do sexo oposto. Este procedimento não seria uma transgressão da natureza, uma inversão?

Araguari Chalar da Silva – Você acha normal uma pessoa "transar" com quem quiser; eu diria mais, o ideal seria que nós pudéssemos ter uma relação erótica com a vida, entregar-se de corpo e alma a uma criança, quando você está fazendo carinho nela, quando você está se projetando afetivamente em alguma coisa, "curtir" profundamente cada coisa que você faça, cada pessoa com quem você viva; isso seria o ideal. Dificilmente a gente conseguiria estabelecer limites desse erotismo se não estabelecesse fronteiras; então você vê uma coisa, todos nós temos limitações de uso do toque, de uso do tato. Coisas que estão mudando ao longo do tempo; se não se estabelecer limitação nos direitos das pessoas tocarem umas as oùtras, você vai acabar não conseguindo estabelecer limitações nos direitos de excitação, porque é muito difícil você estabelecer fronteiras; aliás, qualquer namorado sabe disso, a fronteira certinha é sempre a móvel. Nossa cultura tem necessidade de definir limites a partir de que somos homossexual ou heterossexual; estabelecer ponto de corte, e você usou o ponto de corte, você disse que pode escolher com quem você quer "transar", mas a "bicha louca" é o teu ponto de corte. É a partir daqui que você raciocina como homossexual, se você não atingiu esse ponto você se identifica como hetero, o que a inclui dentro da tradição de um sistema e a tranqüiliza. Vivo uma realidade clínica em que essa dicotomização, que é forçada na cabeça de todo mundo, na nossa como na de qualquer criança que a gente esteja educando, e a gente infelizmente parece que vai passar para as gerações seguintes exatamente da mesma maneira, nos obrigando a nos definirmos. É posta uma opção na frente e a faca vai para o peito, então você tem que assumir uma posição, queira ou não. Se a posição da maioria já é dada, a outra posição é de culpa. É muito normal que você encontre pessoas com atividade homossexual, uma franca atividade homossexual, culpadas pelo tipo de atividade que têm, culpadas o suficiente para não conseguirem estabelecer uma relação hetero e para buscar desesperadamente uma identidade. Então o transexual sai daqui e vai para o Marrocos, porque no Brasil não pode fazer operação de transexualismo, porque não se permite muitas vezes ser homossexual, então ele busca uma identidade feminina para se tornar coerente, como uma busca de auto-identidade, essa tal identidade que você diz que pode estar anormalmente colocada. Só que talvez as pessoas não fizessem uma opção exclusiva se não fossem forçadas.

Quando um sujeito me procura (vou colocar em caso pessoal, porque não quero falar por mais ninguém), com uma queixa de homossexualismo, uma das coisas que menos me preocupa é o homossexualismo, isso é colocado desde o início, o que mais me preocupa é por que há queixa? Em 99% dos casos vamos encontrar pessoas identificando homossexual com impo-

tente. Impotente aí se entenda *senso lato,* numa relação hetero. E ele se vê optando, se ele se vê optando por alguma coisa que não admite a duplicidade. É obrigado a pular para um lado ou outro do muro, e se ele tem que pular e só consegue prazer na vida a um, ele acaba virando uma bicha da Cinelândia. Pelo menos ele está num grupo onde o aceitam e de repente se não damos essa opção, ou se conseguimos abrir sua cabeça, não vai-se preocupar com o homossexualismo dele, pois aquilo é uma forma de prazer que ele tem, ele abre mão quando quiser ou quando for capaz de ter opção; de certo modo, é na exigência de opção que você cria o marginal, o que, aliás, não é só em homossexualismo.

João Alberto Legey Vizeu – Você falou num dado momento em perversão, não no sentido de Freud. Queria resgatar Freud, porque me parece que há várias leituras de Freud, e acho que nesse ponto até Lacan é muito importante, porque ele denuncia isso. Há uma psicanálise que foi lida de uma dada maneira, foi entendida e traduzida até mesmo de uma maneira, muitas vezes, que muda o sentido da palavra original de Freud. Perversão em Freud não tem em alemão o sentido moral. Aí tem a ver com conceito de perverso polimorfo, ou seja, quando a libido ainda investe em termos de objeto parcial não de objeto total; quer dizer nosso desenvolvimento psicossexual, segundo a teoria freudiana, passaria para uma etapa onde a energia libidinal tem uma direção; mas o objeto é parcial. Por exemplo, a mãe não é a mãe inteira, não é a pessoa inteira, são partes desse objeto com o qual a criança entra em relação, ou é o seio, como também partes do corpo dela. O conceito de perversão em Freud nada tem a ver com o sentido que usamos na linguagem do dia-a-dia em que a palavra perversão está imediatamente ligada ao sentido de imoral ou da moral. Se você considera a questão da homossexualidade dentro mesmo do conceito freudiano, há vários fatores explicando o aparecimento de uma conduta definidamente homossexual, mas um aspecto que a teoria psicanalítica considera muito importante é a dificuldade de a criança lidar com a diferença, conflitante, entre o menino e a menina. Há uma tendência, como defesa, de se tentar negar a diferença. Uma das origens da estruturação de homossexualidade seria exatamente a dificuldade de "transar" com a diferença; eu precisaria buscar o igual na medida em que o igual alivia a minha angústia em face da diferença. Mas se você considerar esse conceito de homossexualidade como a sexualidade investida no igual e não apenas no igual anatômico, então o conceito freudiano vale até mesmo para você dizer que uma dada relação aparentemente heterossexual na realidade tem um funcionamento muito homossexual.

Mara Regina (aparte) – Não concordo com a maioria das colocações que foram feitas pela mesa. Acho que faz muita diferença do ponto de vista da escolha sexual, do ponto de vista da atividade, da satisfação sexual, o fato de nascermos com um pênis ou uma vagina. Negar a realidade, o concreto, a própria formação física da pessoa é algo que pode em princípio parecer muito liberal, mas na prática mostra nossa dificuldade em lidar com algo que é diferente. Freud e as diversas linhas terapêuticas, psicanalista etc. têm permanentemente a preocupação de entender a realidade e se voltar para ela, considero que falta esta visão na discussão que estamos tendo. Em segundo lugar, quando se nega essa diferença, parte-se para um discurso que acaba sendo moralista ao contrário, ou seja, quando por exemplo o João Alberto fala, chega-se à conclusão de que na verdade todos são homossexuais ou todos são heterossexuais, como se não houvesse uma diferença real de comportamento que vai, querendo-se ou não, bater no cotidiano da vida, no dia-a-dia dessas pessoas. Acho que tem-se que ter mais seriedade, encarar a diferença e a partir daí conseguir trabalhar em cima dela; tenho certeza que é fundamental que não se tenha uma postura moralista e portanto discriminadora das pessoas, mas é fundamental que se

encarem as reais diferenças de comportamento inclusive para podermos vir a ter uma atitude profissional mais competente.

João Alberto Legey Vizeu – Mara, você disse que discorda, mas você tocou num ponto que não me faz entender bem sua discordância. Concordo com você, acho que realmente é importante considerar-se a diferença; o que estou chamando atenção é para se considerar também o que há de semelhança, que não se negue a diferença e que não se negue também a semelhança. Que possamos suportar essa situação conflitiva de que existindo a diferença, existe também a identidade. Quando digo que todos são homossexuais, acho que todos são homossexuais sim, no sentido de que você pode considerar que há um aspecto feminino naquilo ou naquele que você qualifica como homem, mas que há um aspecto masculino naquela que você nomeia como mulher. Mas não só nesse sentido eu quero dizer que todos são homossexuais, quero dizer que há um investimento libidinal que se volta para o objeto do mesmo sexo. Você pode não necessitar, tornar concreto em termos de realização de um ato sexual, mas acho que é inevitável a ligação homossexual, ela é, ela existe, com isso eu não estou querendo em hipótese alguma negar a diferença, inclusive quando fiz a consideração do sistema ideológico. Nem sei se fui claro, mas o que eu queria dizer é que acho que o sistema de regras que nos são oferecidas ou que nos constitui não facilita nem que lidemos com diferença, nem que lidemos com a semelhança. Porque repara, o sistema educacional é altamente estimulador da homossexualidade medida em que menino com menino, menina com menina, por exemplo, é uma organização que estimula a homossexualidade e ao mesmo tempo a proíbe, porque não pode aceitar o que há de mulher em você homem e o que há de homem em você mulher. Então todo mundo é igual? Não, todo mundo não é igual. Acho inclusive que para se lidar com essa diferença que você está querendo frisar, você tem que poder lidar com a semelhança. O homem para estruturar a masculinidade dele e a mulher para estruturar a feminilidade dela. Para poderem se defrontar enquanto diferentes, eles precisam também ser iguais. O homem que não está recalcado no aspecto homossexual dele vai ter melhores condições de entrar em contato com a mulher, porque ela é diferente mas ela também é igual, ele também é mulher, ela também é homem. Uma vez ouvi de uma professora de formação analítica, que no seu entendimento, talvez o encontro sexual mais pleno de um ser inteiro, seria exatamente o encontro onde num dado momento o que está acontecendo é uma homossexualidade feminina entre o homem e a mulher, em outro dado momento estaria acontecendo uma homossexualidade masculina, em outro momento uma heterossexualidade no sentido de papéis ocupados. Isto é, há um dado momento em que o homem está ocupando um lugar que consideramos lugar de mulher, e nesse momento a mulher pode estar ocupando lugar de homem. Então uma relação homem e mulher teria facetas homomasculinas, homofemininas, hetero, mas não obrigatoriamente o homem estar sendo homem para aquela mulher. Reparem a "bicha", o homem por exemplo que é colocado como tal, que "transa" com a "bicha", que é, mas a "bicha" aí não é um homem com um homem, é como um homem que faz de conta que não é homem, que faz de conta que é mulher, então nem é homo. Não sei se vocês estão entendendo onde eu quero chegar. É no sentido de se eu estou transando com alguém que não é igual, que o comportamento, que o funcionamento é como mulher, então você pode pôr em questão, mas é homo? Se você se prende ao referencial anatômico então você vai dizer é homo, é um "cara" com pênis e outro com pênis, mas eu estou considerando a questão no sentido comportamental e não anatômico.

Araguari Chalar da Silva – Quando nos referimos à limitação social, o tema homossexual é muito mais importante do que o hetero, porque afinal de contas o preconceito é unidirecional.

A tendência moral, a pressão social é no sentido diferenciante; há pessoas que nascem com pênis e pessoas que nascem com vagina. O fato de nascer com pênis ou vaginas obviamente nos dá receptores externos perfeitamente diferenciados e cujo potencial deve ser até idealmente desenvolvido, tanto quanto possível. Evidentemente a questão biológica, a existência de um receptor externo tem uma importância social, uma importância que começa eminentemente social muito mais do que biológica. Desde o momento que o menino nasce, ele apenas tem pênis ou vagina; pegam-no pelos pezinhos para reproduzir a imagem mais clássica. Hoje nem sempre é assim, e dizem – o senhor tem um filho ou uma filha; automaticamente o quarto é azul ou cor-de-rosa. Começamos a dicotomizar; forçamos a natureza num sentido dicotomizante muito mais do que a biologia faz crer. Mesmo que fôssemos para uma linha mais biológica, a diferença entre o animal macho e o animal fêmea não é em ponto nenhum, em espécie nenhuma, tão explorada e acentuada artificialmente quanto o é no ser humano. Nós determinamos corte de cabelo, determinamos padrão cultural, determinamos formas de comportamento, muito além do que a biologia por si só teria feito. A biologia por si só teria nos orientado no caminho de desfrutar o tipo de genitália que nós temos da maneira mais proveitosa, apenas por uma relação de gratificação com a realidade. Essa relação de gratificação a partir do momento que é limitada, a partir do momento que é direcionada, ela é forçada, principalmente, no sentido diferenciante, por uma tradição moral, daí a preocupação em falar muito mais das semelhanças do que das diferenças, aliás preocupação que já aparecia em Master & Johnson, mesmo quando se refere ao comportamento homem e mulher, pela tendência dicotomizante.

Pergunta: até que ponto o *fellatio* ou o coito anal entre um casal poderiam ser indício de homossexualidade?

Monique Augras – Não tenho grande conhecimento nessa área, mas li o livro de Master & Johnson que me parecem por enquanto os maiores pesquisadores na área. Dentro do enfoque desses autores, parece que não tem nada a ver, quer dizer, o ser humano tem toda uma gama de posições, de técnicas de relacionamento sexual que são utilizadas, tanto por homo como por heterossexual. É uma coisa que me chamou a atenção, por exemplo, o coito anal. Para quem está do lado de fora o coito anal é considerado como a típica relação homossexual masculina. Dentro do estudo deles aparece com uma freqüência muito baixa. Estou falando como leitora e não como pesquisadora da área. Não parece haver algo ligado a determinado tipo de relacionamento. São técnicas que são usadas tanto por homo como por heterossexuais, mas não há esta tipificação como poderia parecer *a priori*.

Franco Lo Presti Seminério (aparte) – Gostaria de colocar uma reflexão sobre estes problemas e muitos outros que em psicologia ocorrem com certa freqüência. Estou plenamente de acordo que devemos retirar qualquer juízo de valor, não é um problema de moral o problema da existência da homossexualidade. Às vezes me pergunto se não fazemos uma moral ao inverso, ao querer igualar radicalmente as coisas, isto é, não se trata de censurar o comportamento homossexual. E vou fazer uma comparação; como não se trata de censurar a existência de eventuais diferenças entre grupos étnicos, pois em termos de inteligência, sabemos que depois do furor de Hitler, se tornou tabu investigar essa área. Neste sentido, a pergunta que fazem alguns pesquisadores, como Herrnstein, é se abolir esse campo ou colocá-lo como uma peneira diante do sol ajuda a essas pessoas, isto é, estaremos ajudando a uma minoria étnica, que porventura não tenha nível intelectual igual aos demais a dizer que é igual a todos, e exigir numa competição furiosa, que se comporte como os demais, acredito que não. Então, o problema da homosse-

xualidade que, como foi colocado por Mara Regina, é um problema onde num determinado nível aparece uma diferença óbvia, não é condenar essas pessoas; é saber, se nós psicólogos podemos proporcionar-lhes uma vida melhor. É claro que há situações como mostrou o Araguari em que não há modificação possível a ser implantada. Não se trata de implantar modificação, trata-se de conhecer melhor a problemática de cada um, para podermos dar assistência, porque todos nós temos problemas, se não for na área sexual é na agressividade, enfim em alguma área. Vou fazer mais uma comparação: se uma pessoa nasce com um pênis e uma vagina, obviamente há uma diferença básica, biológica, que não pode ser plenamente atendida no homossexualismo, visto que, o tipo de orgasmo é diferente do orgasmo heterossexual, e isso traz alguma conseqüência afetiva, que em meu entender não pode ser totalmente esquecida. Vou fazer uma comparação: se uma pessoa tem uma grande capacidade verbal e nenhuma capacidade para matemática isso não é defeito a ser condenado; mas se ele estiver numa profissão como engenharia, ele não se sentirá bem, então evidentemente pode ocorrer algo semelhante a ser colocado em termos absolutamente neutros moralmente, não técnica e cientificamente igualar todas as diferenças, mas tentar estudar o que é que ocorre e como devemos atacar esse problema em termos clínicos, em termos de compreensão das pessoas, porque isso pode ajudar muito mais ao intercâmbio e à compreensão entre os seres humanos.

Araguari Chalar da Silva – Acho que o Professor Seminério colocou uma coisa que seria meio incômodo ficar no ar, e de certa forma se acrescenta ao que a Mara tinha colocado. Infelizmente não há tempo nem condições de estender o assunto. Identidade de gênero é um assunto que dá livro, e como tem dado livro! Podemos abordar o assunto, da identidade de gêneros, de tipificação sexual, da constituição de uma auto-imagem, podemos abordar isso de inúmeras maneiras e em inúmeros escopos diferentes? A questão basicamente será decidirmos até que ponto vale a pena estabelecer um diagnóstico de hiperfagia para alguém que come demais. Em suma, é possível, provável, certo, seguro, que um diagnóstico de hiperfagia pode ter sentido e ser extremamente importante em certas situações, principalmente quando o distanciamento do volume alimentar que esta pessoa está ingerindo é realmente configurante de um quadro clínico; então basta dizer que é um quadro de hiperfagia; mas à medida que vamos descendo na intensidade que o problema apresenta, nós somos de repente confrontados com a obrigação de estabelecer limites, pontos de corte, coisas com que ninguém se preocupa. Quando fôssemos falar de um ponto de vista clínico no quadro hiperfágico só estaríamos preocupados com alguma coisa que desse um salto quilométrico; não é exatamente como a proposta que foi colocada para a mesa. Espaço do homossexual é outro assunto; se vamos falar do espaço do homossexual é sobre aquele indivíduo que passa a ter aversão ao seu próprio sexo ou do que tem aversão ao sexo oposto. Um é extremamente hetero o outro é extremamente homo. Nós teremos que colocar na mesma panela o homem que tem aversão, por exemplo, ao toque masculino. Que se arrepia todo quando alguém passa atrás dele no ônibus, o que não é uma coisa tão rara, que tem uma reação francamente defensiva; aciona-se um sistema de defesa, a pulsação do sujeito vai lá em cima, ele fica todo sem jeito, se torce todo por uma relação hipersexualizada. E nós teríamos que considerar da mesma forma o indivíduo tão avesso ao sexo oposto que se torna limitadamente homossexual. Teríamos que considerar aí os quadros extremos, uma patologia propriamente dita que pode haver em sexo como pode haver em alimentação, como pode haver em qualquer outra dimensão do comportamento humano. O problema maior que se coloca hoje, em termos da situação de minorias sexuais, é de um indivíduo que faz uma opção e é levado a ser incluído como um caso extremo, quando na verdade nem sempre isso se daria. Realmente a patologia do homossexual é uma coisa que já foi

discutida. Há livros, há tratados, nós podemos discutir provavelmente. O que você estava querendo abordar?

O problema que se situa maior, como um problema crítico, é o do sujeito que sente a necessidade de se diferenciar; homossexualismo e heterossexualismo têm sido entendidos por pessoas reais, normais, dentro da tal faixa média, de diferentes maneiras. Não é raro aparecer, mas não é a coisa mais freqüente do mundo um homem que se incomoda com certas posições sexuais, principalmente quando ele fica por baixo, o famoso carrossel, porque a posição "superior" da mulher, que começa a fazer os movimentos o reduz a uma posição passiva. Assim ela está fazendo o papel masculino e o indivíduo se sente mal. Coloca-se na defesa, por algo que ele identifica de uma maneira sexualizada. Poderíamos colocar o sujeito que só come feijão e não consegue comer mais nada, como quadro patológico quase equivalente ao que não consegue comer, ou só consegue comer outra coisa. Não temos essa preocupação classificante, delimitante, em termos de alimentação que é uma atividade humana biologicamente necessária, hedônica, e que de certa forma mantém relação a sexo.

Realmente, minha preocupação que acho ser a da mesa toda, foi situar principalmente os quadros, onde a definição homossexual não é uma coisa tão rasgada, tão declarada, nitidamente uma coisa patológica. Tenho a impressão que fazendo esses anos todos o discurso exclusivo sobre a patologia, ou sobre o homossexual de manicômio, nós estabelecemos para o indivíduo que faz uma opção sexual quase um rótulo, por só falar no patológico, no doente. Quais são nossos limites?

João Alberto Legey Vizeù – Estamos vendo como há um sistema maior no qual a psicologia contemporânea existe, e nesse sistema maior, parece-me que não há uma facilitação para a estruturação quer do masculino, quer do feminino. Acho que nesse sentido podemos frisar o seguinte: o espaço do homossexualismo na psicologia contemporânea é o mesmo espaço para o homossexualismo no mundo em que vivemos. Mas repare, esse espaço restrito para o homossexualismo é o mesmo espaço restrito para o heterossexualismo. De que heterossexualismo estamos falando? Ser machão é ser heterossexual? Acho que a pergunta é essa, o sistema colabora para que os indivíduos se estruturem na diferença que a Mara quis denunciar. Vamos anular as diferenças? Eu digo, não. Acho que exatamente há um sistema que não facilita que você lide com a diferença, que você se estruture homem ou que se estruture mulher. Para a sua heterossexualidade ganhar corpo, é preciso que haja espaço para que a sua homossexualidade ganhe corpo, ou seja, para que o seu feminino ou o seu masculino, no caso, homem ou mulher, possam também existir. Acho que esse espaço não existe, nem na psicologia nem no sistema.

Monique Augras – Vamos dar um fecho. Acredito que agora está todo mundo discutindo diferença e diferenciação. Gostaria de lembrar que existe uma célebre piada, que conclui assim, em francês: "Vive la difference", piada essa que é o essencial da mensagem heterossexual, e acho que devemos defender um pouco essa colocação. De qualquer maneira, como promotora dessa mesa-redonda, acho que valeu. A pergunta inicial era "há espaço para o homossexualismo na psicologia contemporânea? " O espaço em termos existenciais se define por dois parâmetros. O espaço primordial tem centro e tem limites. Vimos o tempo inteiro, que não conseguimos estabelecer limites. Se não há limites, realmente não há espaço. Toda a discussão foi rapidamente levada, até mesmo por nós membros da mesa, a nível ideológico. Denunciando uma série de implicações ideológicas, muitas vezes, assumimos também uma posição ideológica. Se nós que somos técnicos do humano, estamos falando apenas em termos ideológicos, é sinal que não temos conhecimento objetivo do assunto. Parece que essa mesa-redonda vale mais como uma

tentativa de abertura desse campo. Todos nós sentimos que, como não há espaço, houve esse atropelo de associação de idéias, de defesas, de críticas. Ninguém tem uma posição serena em relação ao assunto.

Há algo que eu gostaria também de colocar como um fecho para o dia de hoje, que foi dedicado à psicologia da sexualidade. O dia inteiro se falou muito em sexualidade feminina (inclusive sou muito culpada por isso, pelas pesquisas do meu pessoal), abordou-se uma série de coisas, formação sexual, contracepção, imagem da mulher, etc., mas não houve um só trabalho sobre o assunto, ou seja, sobre o ato sexual, sobre a sexualidade vivida.

Nessa mesa, em que todo mundo é liberal, quando se falou em atividade sexual, o que apareceu foi estereótipo. De repente, surgiu a figura da "bicha louca". Falou-se também da mulher do Mangue. Ambas as figuras foram apresentadas de modo muito negativo. Hoje vimos o filme de Célia Rezende sobre o Mangue. Achei chocante, mas sobretudo, fiquei muito impressionada, porque não houve nenhuma resposta manifesta a nível de grupo. No público aqui presente, ninguém falou, ninguém comentou, todo mundo engoliu aquela desgraça, todo mundo engoliu aquelas mulheres disformes, aqueles pênis artificiais e aí por diante.

Dá para sentir que o nosso saber está ainda muito longe de grandes setores da realidade. Possuímos o discurso do saber, e acho que esse discurso tem de ser denunciado passo a passo, porque nos dá condição de desvendar segredos, conhecer a vida alheia, falar sobre tudo. E eu receio de entender ainda de muito pouca coisa.

A minha proposta inicial – "deixa falar" – não se justifica apenas pelo intuito de respeitar os demais. É antes de mais nada uma necessidade fundamental para a elaboração do nosso conhecimento, sem o que, vamos continuar, ainda por muito tempo, a falar no vazio.